

A Única Coisa Necessária

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Lucas 10.38-42

Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. Ela, aproximando-se dele, perguntou: “Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!”.

Respondeu o Senhor: “Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”.

Uma exposição completa da nossa passagem deveria explicar como ela se encaixa nas preocupações mais amplas do Evangelho, notando os motivos lucanos de audiência, serviço, hospitalidade, jornada e assim por diante.² Para o nosso modesto propósito, contudo, um breve e limitado tratamento será suficiente.

Embora o episódio comece com “Jesus e os seus discípulos” viajando juntos, ele imediatamente limita seu foco sobre Jesus.³ Então, pelo resto dessa unidade narrativa, lemos somente sobre sua relação para com Marta e Maria, e talvez também um pouco sobre a relação entre essas irmãs (v. 40), enquanto os discípulos ficam em segundo plano.

Lucas não identifica o “povoado”, mas ele menciona que Marta e Maria tinham sua “casa” ali. João também menciona essas irmãs, e ali ele escreve que elas viviam em Betânia (João 11:1), aproximadamente duas milhas de Jerusalém (João 11:18).

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em agosto/2005.

² Joel B. Green, *The Gospel of Luke* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1997), p. 433.

³ Ainda que *possível*, contrário a uma interpretação, não é *provável* que os discípulos tenham deixado temporariamente Jesus no momento em que Ele chegou ao povoado.

O verso diz que “certa *mulher* chamada *Marta* o recebeu em sua casa”. Marta parece ser aquela que toma a iniciativa nas narrativas bíblicas (v. 38; também João 11:20), que é responsável pelos serviços da casa, e que é mais socialmente ativa e agressiva. Provavelmente por essa razão, é freqüentemente assumido que ela é a irmã mais velha,

Maria, por outro lado, parece mais passiva (v. 39; João 11:20, 28-29), mas, todavia, pensativa e apaixonada (João 12:3). De fato, ela parece mais espiritualmente avançada do que alguns dos outros em sua compreensão da significância de Cristo e da forma como Ele deve ser tratado (veja João 12:1-8).

Enquanto Marta recebe Jesus como um convidado honrado, Maria O recebe como um Mestre espiritual. Uma O recebe a partir de uma perspectiva social, e a outra a partir de uma perspectiva espiritual. As duas não estão em conflito inerente, mas alguém não pode agir de uma maneira que dê ênfase igual à ambas. Assim, a questão permanece: Jesus é *um Mestre* que parece ser um convidado, ou Ele é *um convidado* que parece ser um Mestre?

Lucas escreve que Maria sentou aos pés de Jesus para ouvir Suas palavras. Nesse ponto, Lucas se refere a Jesus como “o Senhor”, e isso é repetido antes desse episódio acabar. E ela “sentou aos pés do Senhor” indica mais do que postura física, ou ate mesmo mais do que uma atitude submissa, mas a expressão identifica-a como uma discípula. Paulo foi “instruído aos pés de Gamaliel” (Atos 22:3, ARC).

A idéia de discipulado é reforçada quando Lucas escreve que Maria tinha assumido essa postura para ouvir os ensinamentos de Jesus. Isso conecta diretamente esse episódio ao tema do “ouvir”, tão evidente por todo esse Evangelho. Considere Lucas 6:47⁴ e 11:28⁵ e, certamente, A Parábola do Semeador (8:4-15), a qual é muito longa para reproduzir aqui.

O que Lucas descreve aqui é incomum, não somente porque uma mulher tomou uma posição de uma discípula durante o Judaísmo do primeiro século, mas também porque Jesus e então até mesmo defendeu sua decisão de ser Sua discípula. Diremos mais sobre isso mais tarde.

Marta, por sua vez, estava tão distraída com todas as providências para receber dignamente seu convidado, que falha em prestar atenção aos ensinamentos de Ele. É óbvio que seu comportamento não está completamente equivocado. Por ser mulher e a anfitriã, ela agia conforme a conveniência e expectativa social. Todavia, alguém se tornar verdadeiro discípulo de Cristo — ouvir e obedecer a Seus ensinamentos — jamais é socialmente adequado ou esperado, sem levar em conta a distinção sexual, fosse naqueles dias ou nos atuais. A conversão sempre implicará desafio aos padrões e às expectativas do mundo.

Por fim, Marta extravasa sua frustração, não diretamente contra Maria, mas em Jesus: “Senhor, não Te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize a ela que me ajude!”. Ela poderia ter dito: “Senhor, quero ser boa anfitriã

⁴ “Eu lhes mostrarei com quem se compara aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as pratica” (NVI).

⁵ “Antes, felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e lhe obedecem” (NVI).

e dar a Ti e a Teus discípulos uma calorosa recepção; sei que é normal esperar de mim tudo o que faço agora. Entretanto, em vez de ajudar-me, minha irmã Maria está sentada a Teus pés, ouvindo Teus ensinamentos. Ela deveria ajudar-me, ou eu deveria estar assentada com ela ouvindo-Te?”.

Sem perguntar a Jesus sobre sua preferência — ela presume que Jesus ficaria do seu lado, e se convence de que Ele *deveria* ficar do seu lado —, Marta se irrita com o fato de Jesus não ter feito nada ainda a respeito da situação. Sua frustração levou-a a julgar erroneamente o comportamento de Maria e também a tolerância do Senhor ao que ela considerava negligência da irmã.

Lenski pensa que a queixa de Marta não exhibe nenhuma irreverência ou reclamação contra Jesus. Ele escreve: “Mas isso teria sido descarada impolidez e rudeza, e a resposta de Jesus não indica nada desse tipo”.⁶ Contudo, esse argumento é uma falácia, pois se baseia somente na especulação de Lenski sobre qual *teria sido* a resposta de Jesus se a declaração de Marta exibisse “descarada impolidez e rudeza”. De fato, alguém pode mais naturalmente dizer que sua declaração deveras exhibe “descarada impolidez e rudeza”, e que a resposta de Jesus apenas demonstra Sua paciência para com ela.

Lenski continua: “Alguns têm encontrado desrespeito descarado nas palavras ‘não te importas’, mas se esquecem que Marta se dirige [a Jesus] como ‘Senhor’, e a resposta óbvia que Jesus teria tido que dar, a saber, prontamente se retirar”.⁷ Em outras palavras, ele pensa que é impossível se dirigir a Jesus como “Senhor” e mostrar desrespeito ao mesmo tempo.

Mas essa é uma interpretação ingênua, e é Lenski quem esqueceu de todos os exemplos bíblicos nos quais até mesmos os profetas, que se dirigiam a Ele como o Soberano e Todo-Poderoso ao mesmo instante, tinham expressado algumas vezes frustração contra Deus. Certamente, qualquer queixa que seja mais do que uma expressão de necessidade pessoal e agonia, mas que equivalha a encontrar falta em Deus, é ilegítima e pecaminosa. Algumas vezes eles foram pacientemente encorajados; em outras, severamente repreendidos.

O argumento de Lenski implica que alguém sempre deve falar como um extremo ateu ou não-cristão quando exhibir irreverência, mas isso é falso. Um modo de comportamento irreverente é precisamente reconhecer quem Deus é e então falar como se Ele não fosse quem é, ou reconhecer Sua sabedoria, poder e justiça, e então falar numa forma que questione Sua sabedoria, poder e justiça.

Chamar Jesus de “Senhor” e então criticá-Lo ou contradizê-Lo faz da irreverência de alguém ainda mais pecaminosa. Pela argumentação de Lenski, Mateus 16:16 neutralizaria qualquer irreverência em Mateus 16:22. Mas “repreender” Jesus, corrigindo-O sobre Sua própria missão sobre a terra, e isso logo após chamá-lo de

⁶ R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: The Interpretation of St. Luke's Gospel* (Hendrickson Publishers), p. 614.

⁷ Ibid. Lenski novamente se refere à “resposta óbvia que Jesus *teria tido* que dar”. Mas isso não é nada mais do que especulação, e ela não é óbvia de forma alguma. É ilegítimo especular sobre o que Jesus *teria* feito, a menos que Lenski possa demonstrar que essa é uma implicação necessária de algo que está *no texto*, ou em alguma outra parte da Bíblia.

“Cristo, o Filho do Deus vivo”, somente faz a irreverência de Pedro ser ainda mais evidente e inescusável. Assim, a resposta “Para trás de mim, Satanás!” (v. 23), é completamente apropriada.

Assim, qualifiquemos e suavizemos nossas críticas contra Marta duma maneira que seja apropriada — digamos que ela errou como resultado de frustração e ignorância, mas não de malícia — mas não devemos desprezar completamente o que ela diz. Sua declaração é realmente grosseira e irreverente.

Essa é, portanto, uma advertência para nós sobre a frustração que pode se levantar quando estamos ansiosos sobre fazer o que pensamos ser apropriado e necessário, ao invés de seguir o programa de Deus de discipulado. E essa frustração pode levar a um falso julgamento contra nossos irmãos e irmãs em Cristo, e a uma explosão de irreverência contra o próprio Deus que reivindicamos proclamar e adorar pela nossa condição distraída.

Em resposta, Jesus, ao contrário, oferece à Marta uma correção gentil. Sua crítica é dupla. Primeira, ela está “preocupada e inquieta”. Seu estado agitado de mente a impede de manter julgamentos e prioridades corretas, e assumir a posição de uma discípula de Cristo. Segundo, ela está preocupada e inquieta “com muitas coisas”. Assim, ela erra tanto qualitativamente quanto quantitativamente.

A condição de Marta a impede de obter os benefícios espirituais que estão prontamente disponíveis por causa da presença de Cristo, e de se focar na única coisa que é necessária. Em contraste, Maria está sentada aos pés do Senhor, na posição de uma discípula, para ouvir Seus ensinamentos.⁸ Ela escolheu corretamente, e Jesus defende e protege essa escolha, dizendo, “esta não lhe será tirada”.

De uma perspectiva da “história da redenção” — isto é, da preocupação mais ampla de Lucas sobre como esse episódio se encaixa no resto do seu Evangelho e então também no resto da Escritura, e sua significância na revelação do plano de Deus, no qual a obra de Cristo é um clímax (Hebreus 1:1-2) — essa passagem está preocupada não somente em nos mostrar a prioridade do contemplativo sobre o ativo e do espiritual sobre o social, ou até mesmo do fato de que as *mulheres* bem como os homens devem se tornar discípulos de Cristo e receber instruções. Ela nos ensina todas essas coisas e mais.

Cristo é a mais alta revelação de Deus, cheio de graça e de verdade (João 1:14). Sua vinda é uma manifestação pessoal do reino de Deus, pois alguém buscar o reino de Deus e Sua justiça é se tornar Seu discípulo, dar-Lhe prioridade, e ouvir e obedecer aos Seus ensinamentos (Mateus 7:24-29). Tornar-se Seu discípulo significa mais do que dar-Lhe um aspecto secundário de nossas vidas, mas significa deixar que Seus ensinamentos invadam cada área de pensamento e conduta. E, conseqüentemente, transformar nossas crenças, agendas, expectativas e relacionamentos.

Muitas exposições da nossa passagem falham em notar seu contexto redentivo-histórico. Por outro lado, seria errado pensar que o grande propósito dessa passagem nos

⁸ “De acordo com os rabis, aprender o Torá é melhor do que qualquer outra atividade”, Craig A. Evans, *Luke* (Hendrickson Publishers, 1990), p. 179.

proíba de derivar dela algumas lições mais limitadas. De fato, são essas implicações específicas e práticas que nos ensinam a como diariamente agir como discípulos de Cristo nesse mundo, e assim cumprir a preocupação mais ampla dessa passagem. Uma abordagem correta, portanto, guardaria ambas as coisas em mente.

Cristo chama Seus eleitos para se tornarem Seus discípulos, e isso significa a mesma coisa em nossos dias como nos dias de Maria — devemos ouvir e obedecer aos ensinamentos de Cristo, e edificar nossas vidas sobre a Sua palavra. Tornar-se um discípulo significa dar ao nosso Mestre e Senhor a prioridade em nossas vidas. Para nós, tornar-se atencioso aos ensinamentos de Cristo implica que não podemos ser igualmente atenciosos a outras coisas ao mesmo tempo. Em outras palavras, se nossas agendas e atividades permanecem as mesmas de antes, então não há sinal de que somos Seus discípulos de forma alguma.

Então, ser Seus discípulos freqüentemente requer de nós desprezar as expectativas de outros e as funções que eles atribuem a nós. De fato, nossa passagem usa um exemplo feminino para estabelecer um ponto, e assim fazendo, ela está estabelecendo um ponto sobre o discipulado feminino. Não importa o que a sociedade ou até mesmo a Escritura atribua às mulheres, nossa passagem declara para sempre que o primeiro direito e dever das mulheres é ser discípula de Cristo — isto é, aprender segundo Cristo.

Algumas pessoas podem pensar que esse não é mais o caso, pelo menos em algumas partes do mundo, mas em muitas igrejas até mesmo hoje, enquanto o discipulado significa “ouvir e fazer” para os homens, ele significa apenas “fazer” para as mulheres. Algumas vezes, essa não é a política que tem sido deliberadamente adotada, mas simplesmente assumida. Mas em outras, ela é uma filosofia que tem sido conscientemente adotada por causa do pensamento não-regenerado ou de uma teologia defeituosa.

O problema existe numa forma diferente mesmo naquelas partes do mundo nas quais as mulheres têm sido “liberadas”. Naquelas partes do mundo, é assumido que as mulheres têm o direito de se tornarem discípulas de Cristo não por causa dos ensinamentos da Escritura, mas porque esse direito tem sido “dado” pela sociedade, assim como ele é impedido por outras culturas. Em nenhum dos casos a posição para com o discipulado feminino foi ditado pela revelação divina.

Por um lado, o direito das mulheres de se tornarem discípulas é impedido por supressão; por outro lado, o direito das mulheres de se tornarem discípulas é concedido por insurreição, até mesmo contra os próprios papéis atribuídos a elas pela Escritura, de forma que elas querem “ouvir”, mas não “fazer”. Embora seja correto e necessário desafiar as expectativas sociais que nos impedem de seguir os ensinamentos de Cristo, é auto-destruidor desafiar também a palavra de Deus para conseguir o direito de ouvir a palavra de Deus.

O direito das mulheres se tornarem discípulas de Cristo e de se beneficiarem de todos os programas de ensino que a Igreja tem para oferecer vem da declaração do próprio Cristo de que isso “não será tirado” delas. Assim como devemos desconsiderar a proibição da sociedade contra algo que a Escritura ordena, não precisamos da permissão da sociedade para realizar o que a Escritura demanda. Portanto, não há

conflito entre conceder à mulher pleno acesso a todo treinamento bíblico e doutrinário disponível aos homens, enquanto que ao mesmo tempo reforçar o que a Escritura ensina com respeito aos seus papéis no lar e na igreja.

Como declarado, a passagem usa uma discípula para estabelecer um ponto — ela não apenas estabelece um ponto sobre o discipulado feminino. Esse “ponto” é que Cristo chama todos os eleitos a se tornarem Seus discípulos, a aprenderem e seguirem os Seus mandamentos, e que o papel de uma pessoa como um discípulo é mais importante do que todos os seus outros papéis na família e sociedade. E isso é o porquê um discipulado de Cristo freqüentemente inclui desafio às expectativas e restrições sociais. Seria um engano aplicar isso somente às mulheres, mas devemos ver que os plenos direitos e deveres do discipulado se aplicam também aos analfabetos, aos leigos e até mesmo às crianças. Eles também devem “ouvir e obedecer”, e não apenas “obedecer”.

A maioria dos sermões e comentários sobre essa passagem é cuidadoso em advertir contra se equivocar com as prioridades de Marta e colocar o exemplo de Maria como um digno de imitação. Contudo, um vasto número deles falha em notar que Jesus também serve como um exemplo que é diretamente relevante para muitos cristãos.

É verdade que Jesus é único, e ninguém mais pode ocupar Sua posição exata em qualquer situação. Todavia, muitos de nós desempenham vários papéis em nossas vidas que são análogos ao papel que Jesus desempenha nesse episódio. Isto é, alguns de nós estamos em posição de defender e proteger os direitos espirituais das “Marias” em nossas vidas, e encorajar as “Martas” a imitarem as “Marias”. Pessoas que estão em tais posições incluem ministros, professores, maridos e pais.

Nossa passagem ensina o ministro a reforçar um programa de discipulado que enfatize ouvir e fazer, ao invés de simplesmente fazer, e a pregar um evangelho espiritual que é fundamentado na fé que produz boas obras, antes do que num evangelho meramente social. As igrejas deveriam oferecer aulas de teologia ao invés de lanches e piqueniques. Ou, pelo menos elas deveriam ter lanches e piqueniques com o propósito de pregar e discutir a palavra de Deus.

Aulas sobre teologia e estudos bíblicos devem ser abertas a todos os tipos de indivíduos — homens, mulheres, analfabetos, ricos, pobres e crianças *de todas as idades*. Contrário a suposição de muitos, as crianças que têm apenas três a quatro anos de idade são plenamente capazes de entender os ensinamentos básicos sobre Deus, criação, pecado, salvação, morte, justiça, punição, céu e inferno.

Se não fosse pelos vocabulários teológicos não-familiares, qualquer criança já deveria ter lido algo no nível da *Teologia Sistemática* de Berkhof na época em que entrassem na primeira série. Os conceitos não são difíceis, mas as palavras levam tempo para aprender. A solução é os pais e ministros ensinarem essas coisas a eles numa linguagem mais simples. Mas em termos de conteúdo, não há necessidade de diluição de forma alguma.⁹

⁹ Veja minha série de palestras “*Great Expectations*” sobre o potencial das crianças para o desenvolvimento intelectual prematuro, ou como minha posição coloca, seu desenvolvimento intelectual *normal*.

Alguns pais pensam que eles serão heróis espirituais se eles tiverem sucesso em ensinar aos seus filhos o Breve Catecismo quando eles tiverem por volta de quatorze ou quinze anos. Eu posso concordar com isso se essas crianças (ou os pais!) tiverem Síndrome de Down ou alguma coisa parecida com isso (mas mesmo assim eu me espantaria); de outra forma, esses pais tem falhado miseravelmente em cumprir o seu dever.

Se a criança pode aprender sobre evolução de seus professores antes delas alcançarem a terceira série; se elas podem entender sobre adultério, sodomia, estupro, assassinato, roubo e perjúrio através da televisão e de video games; e se elas podem adquirir e aplicar os conceitos de coragem, revanche, morte, demônio e o sobrenatural, assumidos em muitos livros de romance para crianças e adolescentes, então certamente elas podem entender muito mais sobre teologia do que a maioria dos pais e ministros acreditam que elas possam.

Dessa forma, muitos pais deixam o mundo doutrinar seus filhos primeiro, começando no jardim de infância, na esperança de que eles deixem tudo de lado quando lhes for ensinado mais tarde as doutrinas e éticas bíblicas, talvez no tempo em que entrarem no segundo grau. Alguns segmentos da Igreja são melhores do que outros nessa área, mas ainda muitos tendem a pensar que teologia é um assunto para “adulto”. Mas o tempo de começar a aprender é o momento quando a criança começa a aprender a linguagem.

Se uma criança pode participar de uma aula de teologia não dividida [com base na idade], então ela *deve* ser admitida. A igreja deve aceitá-la na classe, ou fazer alguma acomodação especial para ela. Deve ser dada às crianças a chance de se excederem, de lerem livros teológicos e comentários bíblicos, e de fazer perguntas sobre as questões últimas. Alguns de nós temos sido extremamente lentos, mas isso não é razão para impedir aqueles que são normais, e pode haver diversos que são. Nunca meça o potencial de seu filho pelas suas próprias limitações e fracassos.

Dessa perspectiva, eu me oponho a dividir classes em diferentes níveis de acordo com idade e gênero, embora seja apropriado dividi-las com base em níveis (iniciante, intermediário, etc.) *que não tenham a ver com* idade e gênero, de forma que os ensinamentos não sejam completamente ininteligíveis aos iniciantes, quer crianças, quer adultos. Algumas igrejas, algumas vezes por várias razões legítimas, insistem em dividir seus programas por gênero. Isso é bom, mas não comece ensinando as mulheres a costurar e cozinhar — ensine-as teologia e exegese básica primeiro. Faça delas discípulas — faça do culto delas a Deus um culto *racional*, e ajude-as a edificar suas vidas sobre o entendimento bíblico.

Nossa passagem não é somente ou mesmo principalmente sobre a piedade feminina, mas ela tem um pouco a ver sobre ela. Num relacionamento matrimonial, a posição do marido é análoga àquela de Jesus aqui, tendo a autoridade de encorajar ou impedir o progresso espiritual da mulher, e perseguir um curso normal de discipulado.

O primeiro dever do marido é amar a esposa, e isso é expresso imitando a forma que Cristo ama Sua igreja, santificando-a pela palavra de Deus. Isto é, como um marido, você deve amar sua esposa ajudando-a a progredir em santificação, em conhecimento e em santidade. Portanto, para imitar o exemplo de Jesus em nossa passagem, você deve

defender e proteger o seu direito de aprender como uma discípula de Cristo, ouvindo e obedecendo a palavra de Deus.

Isto tem diversas implicações práticas. Por exemplo, isso pode significar que quando sua esposa desejar te servir ou ao lar de uma forma particular que ela considere como parte do dever dela, você deve algumas vezes encorajá-la a ler uma teologia sistemática ou um comentário bíblico ao invés disso. Mas não permanece verdadeiro que algumas coisas no lar devem ser feitas? Isso é verdade, então vá e faça-as *você*.

O ponto é que você deve assistir sua esposa a crescer como uma discípula de Cristo, tanto em pensamento como em conduta, tanto em conhecimento como em santidade, mesmo que isso exija fazer alguns sacrifícios da sua parte. Você deve reconhecer que ela é uma co-herdeira da vida eterna (1 Pedro 3:7), que ela é uma discípula tanto quanto você o é, e então, você deve agir como tal. Isso é o fruto do verdadeiro amor, como Cristo ama Sua igreja, e também seu dever como um marido.

Fonte: <http://www.vincentcheung.com/>